

# SUMÁRIO



Apresentação .....	13
Agradecimentos .....	15
Introdução .....	17

## PARTE 1 - A FÉ CRISTÃ NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA

1 - A expansão do Império Romano .....	23
2 - O crescimento da igreja cristã .....	27
3 - Os Pais Apostólicos .....	33
4 - As perseguições no Império Romano e além das fronteiras .....	35
5 - Movimentos heréticos e cismáticos .....	39
6 - A defesa da fé .....	43
7 - O relacionamento entre a teologia e a filosofia .....	45
8 - A formação do cânon do Novo Testamento .....	47
9 - O Credo dos Apóstolos .....	49
10 - O colapso e a recuperação do Império Romano .....	51
11 - Os Pais Gregos .....	55
12 - Os Pais da Capadócia .....	57
13 - Os Pais Latinos .....	59
14 - A renovação do império .....	63
15 - A ascensão de Constantino .....	65
16 - Os concílios de Niceia e Constantinopla .....	67
17 - O declínio do Império Romano .....	71
18 - A controvérsia sobre a doutrina da graça .....	75
19 - O Concílio de Calcedônia .....	77
20 - O movimento monástico .....	79
21 - Os Sete Concílios Ecumênicos .....	81
22 - A queda de Roma .....	83

## PARTE 2 - A FÉ CRISTÃ NA IDADE MÉDIA

23 - O fim da Antiguidade Clássica .....	87
24 - Os movimentos missionários .....	91
25 - O Sacro Império Romano-Germânico .....	93
26 - O período formativo da teologia medieval .....	95
27 - Os vikings e os normandos .....	99
28 - A estrutura política e social na Idade Média .....	103
29 - O estabelecimento do papado .....	107
30 - A teologia ortodoxa e o Cisma do Oriente .....	111
31 - As ordens monásticas medievais .....	115
32 - As cruzadas .....	119
33 - As universidades .....	123
34 - A teologia escolástica e a mística medieval .....	125
35 - A Guerra dos Cem Anos .....	131
36 - A Reconquista Cristã e a independência de Portugal .....	135
37 - O declínio do papado .....	139
38 - Uma crise de espiritualidade e salvação .....	143
39 - A arquitetura eclesiástica antiga e medieval .....	147
40 - A queda de Constantinopla .....	151
41 - A era dos descobrimentos .....	153

<b>PARTE 3 - A FÉ CRISTÃ NA RENASCENÇA E NA MODERNIDADE</b>	
42 - A Renascença e a Reforma Protestante .....	157
43 - Martinho Lutero .....	161
44 - João Calvino .....	165
45 - A Reforma Radical.....	169
46 - A reforma anglicana na Inglaterra.....	171
47 - A Contrarreforma Católica .....	175
48 - O surgimento do puritanismo na Inglaterra.....	179
49 - O Sínodo de Dort e a tradição reformada .....	183
50 - Guerra dos Trinta Anos.....	187
51 - Triunfo e declínio do puritanismo .....	191
52 - A reforma em Portugal.....	195
53 - A tradição luterana e o pietismo .....	199
54 - O “Primeiro Grande Despertamento” nos Estados Unidos.....	203
55 - O “Avivamento Evangélico” na Inglaterra .....	207
56 - A independência americana .....	209
57 - A Revolução Francesa.....	211
58 - As missões protestantes .....	217
59 - O “Segundo Grande Despertamento” .....	221
60 - A Guerra de Secessão.....	225
61 - Implantação do protestantismo no Brasil .....	229
62 - O catolicismo romano na Europa .....	233
 <b>PARTE 4 - A FÉ CRISTÃ NO MUNDO CONTEMPORÂNEO</b>	
63 - A nova Europa e a reinterpretação da fé cristã .....	237
64 - A fé evangélica no fim do século XIX .....	241
65 - A Primeira Guerra Mundial.....	243
66 - A controvérsia fundamentalista-modernista nos Estados Unidos.....	247
67 - A reação neo-ortodoxa .....	249
68 - A sociedade e a igreja diante do totalitarismo .....	253
69 - A Segunda Guerra Mundial .....	257
70 - A resistência cristã ao totalitarismo na Segunda Guerra Mundial .....	263
71 - O Pós-Guerra e a Guerra Fria .....	267
72 - Novas interpretações da fé cristã.....	273
73 - O Concílio Vaticano II e a Teologia da Libertação.....	277
74 - O movimento pentecostal e seus desdobramentos.....	281
75 - O cristianismo global.....	285
76 - A renovação da igreja evangélica.....	293
77 - A queda do comunismo e o fim da Guerra Fria .....	297
78 - O protestantismo brasileiro após 1940 .....	301
79 - Mudanças geopolíticas e novos desafios.....	307
 Bibliografia geral.....	 313

# APRESENTAÇÃO



## CORAGEM DE SER CLARO E DIRETO

Quando um autor propõe uma nova ideia, devemos nos perguntar se esta ideia é nova de verdade. No campo da teologia cristã, este cuidado é muito valioso, pois relativiza a propalada novidade de muitas propostas.

Se tomarmos, por exemplo, o minado campo da cristologia (que trata da pessoa e do ministério de Jesus Cristo), notaremos que, ao longo dos séculos, desde o segundo, vêm sendo feitas sugestões sobre o modo como se relacionaram em Cristo a sua divindade e sua humanidade. O conhecimento destas sugestões nos prepara para dialogar com as “novas” ideias.

O conhecimento da história não é para nos impedir de pensar, porque temos que dialogar com o nosso tempo. Cada tempo demanda respostas próprias, assim como as respostas já dadas refletiram as necessidades das épocas em que foram formuladas. Não é diferente hoje.

Algumas questões do século XXI exigirão coragem e criatividade, que se inspiram nas experiências dos cristãos que vieram antes de nós, alguns dos quais pagaram preços elevados por suas afirmativas de fé, como nós também te(re)mos que pagar. A superficialidade não é um milagre, mas apenas uma fuga. Neste século, temos que responder aos desafios da secularidade às ideias da singularidade de Jesus e da autoridade normativa da Bíblia.

Quem tiver o prazer de ler o livro de Franklin Ferreira — aconteceu comigo — estará diante de um resumo lúcido e atento da história do cristianismo, com ênfase ao desenvolvimento da sua fé. *A igreja cristã na história: das origens aos dias atuais* tem muitos méritos e quero destacar alguns.

Primeiro, como se propõe a fazer uma síntese, o livro é exatamente isto: uma síntese. Nada sobra nos parágrafos curtos preparados para dar uma visão sintética e precisa sobre a época ou o tema que tratam. Segundo, o livro pretende ser uma introdução, a partir da qual cada leitor(a) poderá fazer suas próprias leituras ou pesquisas. Franklin Ferreira, pensando nos leitores brasileiros, sugere textos em português. Ele vai mais além, propondo, renovadamente, filmes disponíveis para complementar o estudo. O autor não só sugere os títulos dos filmes como os comenta e classifica. São muito úteis também os quadros e os mapas que inclui ao longo das páginas.

Terceiro, o livro quer ser didático e o é. Todo aquele ou toda aquela que ensina história da igreja ou história do pensamento cristão tem, nas próximas páginas, um roteiro seguro para compreender o período estudado e passar adiante o conhecimento aos seus alunos. No entanto, esta obra não é apenas para professores, mas também para eles, porque pode ser lido, com muito proveito, por todos quantos querem conhecer o presente da fé cristã a partir do seu passado.

Quarto, Franklin Ferreira tem em mente o Brasil, o lugar em que Deus nos colocou para transtornar o mundo. Isto fica bem claro nas seleções dos temas, particularmente quando dedica alguns capítulos a Portugal, sempre ausente nos manuais de história da igreja, geralmente escritos para o público norte-americano. Trata-se, portanto, de uma obra escrita para o público brasileiro.

Recomendo, portanto, esta síntese histórica preparada por um autor que tem a coragem de escrever de forma simples, de modo que os não especialistas possam se especializar.

Israel Belo de Azevedo  
Pastor da Igreja Batista Itacuruçá, RJ

# AGRADECIMENTOS



Várias das seções deste livro nasceram de aulas ministradas no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, no Rio de Janeiro, entre 1997 e 2007, no Seminário Teológico Servo de Cristo, em São Paulo, no primeiro semestre de 2009, no Seminário Teológico Batista Intensivo, em Teresina, Piauí, em 2008, e no Encontro de Teologia e Filosofia ocorrido no 13<sup>o</sup> Encontro para Consciência Cristã, promovido pela Visão Nacional para a Consciência Cristã (VINACC), em 2011, em Campina Grande, na Paraíba. Devo mencionar que este livro levou bastante tempo para ser preparado e concluído. O seu esboço é anterior à *Teologia Sistemática*, que escrevi em coautoria com Alan Myatt, e há quase quinze anos escrevo e ensino sobre os assuntos aqui expostos.

Agradeço à equipe de Edições Vida Nova, especialmente ao seu diretor-executivo, Kenneth Lee Davis, pelo convite para publicar esta obra e a Marisa K. A. de Siqueira Lopes, editora, por sua paciência e ótimo trabalho realizado neste livro. Estendo minha gratidão aos revisores, Djair Dias Filho, Fernando Pires e Mariú Moreira Madureira Lopes, bem como a Edvanio Silva, pela diagramação e arte, e ao pastor batista Elias Lima, pela inestimável ajuda com a documentação sobre a história do protestantismo em Portugal no século XIX. Agradeço também a Jonas Madureira e a Tiago José dos Santos Filho pelas ideias, críticas e sugestões, e especialmente a Alderi Souza de Matos, pela revisão de todo o manuscrito — é necessário destacar que erros e eventuais imprecisões são de minha inteira responsabilidade. A Marcelo Valim Carvalho, administrador da COMEV, que tem lançado no Brasil filmes cristãos desde 1980; e a Juan Carlos Martinez Pinto, da Editora Hagnos, João Artur Müller da Silva, da Editora Sinodal, e Marcelo Smargiasse, da Editora Vida, pelas bondosas permissões para usar tabelas e gráficos de obras publicados por essas editoras. Sou muito grato a Israel Belo de Azevedo, pastor da Igreja Batista Itacuruçá, no Rio de Janeiro, por sua amizade e apoio durante o tempo que lecionei no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, e por gentilmente ter preparado a apresentação desta obra. E, mais uma vez, agradeço a Deus por minha amada esposa e companheira, Marilene, que também leu e revisou todo o manuscrito, e por minha querida filha, Beatriz, pelo apoio constante e fidelidade em amor.





# INTRODUÇÃO



Este livro sobre história da igreja tem pelo menos quatro objetivos principais: 1) ser um roteiro para uso em sala de aula, oferecendo ao professor e aos alunos um esboço atualizado e panorâmico da história da igreja; 2) servir como resumo dos principais acontecimentos da cristandade; 3) oferecer aos leitores de língua portuguesa uma bibliografia aprofundada do que há de mais importante e útil nesse idioma dos dois lados do Atlântico, dando ao estudante a oportunidade de aprofundar seus estudos sobre cada tópico sugerido; 4) propor uma reflexão sobre a história da igreja no contexto da história mundial. Não raro a tendência nos diversos manuais de história da igreja publicados em português é isolá-la do seu contexto maior. No entanto, um dos objetivos deste livro foi destacar a mútua influência dos eventos maiores da história e a narrativa da peregrinação do povo cristão. Portanto, parafraseando Christopher Tyerman, esta obra é uma narrativa histórica, não um texto polêmico; relato, não juízo; afirmação do lugar da igreja cristã no mundo, não apologia confessional. Os leitores julgarão se essa perspectiva é válida.

Tendo em mente esses objetivos, este livro é também um guia em que se apresentam sugestões de filmes e documentários que podem enriquecer o ensino e estudo da história da igreja — seja tratando diretamente do tema em questão seja ilustrando ou ampliando o contexto histórico em que tal fato ocorreu. No que se refere aos filmes históricos, é preciso lembrar que eles têm o poder de motivar as pessoas a pesquisar e a ler sobre a história da igreja. Não podemos, porém, deixar de considerar que um filme histórico é uma obra de interpretação e de seleção, elaborada com liberdade artística e frequentemente com problemas de precisão histórica. Isso ocorre porque o objetivo principal da maioria dos filmes é o entretenimento, e não a documentação fiel da história. Com esta última intenção, são produzidos os documentários, que também serão recomendados nesta obra. Por isso, mesmo os melhores filmes dramatizam e alteram os acontecimentos, raramente sendo precisos.

Quem é familiarizado com o estudo da história leva a sério as imprecisões cinematográficas. Porém, lembro-me de que, quando eu tinha cerca de dez anos, ao assistir a filmes como *Ben Hur*, *A águia pousou e Midway*, fui levado a ter um amor pelo estudo da história que nunca me abandonou. *Spartacus*, *Quo Vadis* e *El Cid* reforçaram em mim esse interesse. Possivelmente muitos leitores devem ter passado pela mesma experiência. Portanto, ainda que os filmes históricos sejam muitas vezes imprecisos e romanceados, devemos ter em mente que sua função, sobretudo, é entreter, e não representar uma possível verdade histórica objetiva. O argumento de que “as pessoas vão aprender fatos incorretos ao assistir a filmes” pode ser falho, uma vez que elas podem ser motivadas a estudar mais profundamente a história para descobrir como os fatos realmente aconteceram. Será louvável se esses documentários e filmes motivarem o estudo da história; afinal, eles terão cumprido um papel importante na aquisição do saber. Estou certo de que, se uma pessoa

assistir a alguns desses filmes e gostar deles, investigará o período histórico retratado no filme e aprenderá a verdade dos acontecimentos.<sup>1</sup> É melhor tê-los com suas imprecisões do que não tê-los de modo algum.

Em linhas gerais, os filmes históricos citados aqui serão classificados como: documentários e não documentários. Esta segunda classificação será subdividida em: biografia histórica, filme de época, filme-mito, adaptação literária, reconstrução histórica e ficção histórica.<sup>2</sup> Para ajudar no uso dos filmes e documentários, ofereço ainda uma apreciação dos filmes, de acordo com a minha própria avaliação:

★★★★ Ótimo | ★★★★ Muito Bom | ★★★ Bom | ★★ Regular | ★ Ruim

Também será apresentada uma breve análise do conteúdo, como segue:

V — Violência | N — Nudez | L — Linguagem forte<sup>3</sup>

No final de cada capítulo, foi incluída também a seção “Leitura complementar”. Nessa seção constam os livros utilizados para a composição do capítulo e, além desses, outros que são indicados como leitura para os interessados em estudar mais a fundo. No fim desta obra há uma bibliografia geral, composta dos livros empregados na pesquisa de todo este volume, cuja consulta também poderá ser útil ao leitor.

Infelizmente, por uma questão de espaço, não foi possível interagir com romances históricos. Obras que mesclam história e ficção podem cumprir papel similar aos dos filmes, estimulando os leitores a se interessar pelo estudo da história da igreja. Há boas opções nessa área, como, por exemplo, a trilogia do historiador Max Gallo (1932-), *Os cristãos*, sobre o surgimento da França cristã.<sup>4</sup>

Para os leitores que querem se aprofundar no estudo da teologia cristã e na história do cristianismo recomendaria ir direto às fontes primárias. Por causa da extensão dessas fontes, não serão citadas nas seções correspondentes. Aqui podemos citar alguns exemplos. Na coleção “Patrística”, a editora Paulus está tornando acessível ao público de língua portuguesa um imenso conjunto de escritos dos autores cristãos dos primeiros séculos. Até agora foram publicados vinte e nove volumes, abordando, entre outros, os Pais Apostólicos (Clemente Romano, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, *O Pastor de Hermas*, *Carta de Barnabé*, Pápias e *Didaquê*), os Pais Apologistas (*Carta a Diogneto*, Aristides de Atenas, Taciano, o Sírio, Atenágoras de Atenas, Teófilo de Antioquia e Hérmiás, o Filósofo), Justino de Roma, Irineu de Lião, Ambrósio de Milão, Leão Magno, Basílio de Cesareia, Eusébio de Cesareia, Atanásio, Hilário de Poitiers, Orígenes, João Crisóstomo, Gregório Magno, Gregório de Nissa e Agostinho de Hipona, ao qual são dedicados nada menos do que quinze livros da coleção. Cada volume traz uma breve introdução com os dados biográficos do autor ou autores e um pequeno comentário acerca dos aspectos literários e conteúdo da obra.

Para aqueles que querem se aprofundar no estudo da teologia dos reformadores, recomendaria as *Obras selecionadas de Martinho Lutero*, que já tem onze volumes publicados (pelas editoras Concórdia e Sinodal). Cada volume traz uma breve introdução e um pequeno comentário dos textos contidos na obra. Sobre João Calvino, recomendaria *As Institutas da Religião Cristã* — pelo menos três edições dessa obra foram publicadas

<sup>1</sup> Para uma interpretação evangélica de filmes em geral, cf. Brian Godawa, *Cinema e fé cristã*. Viçosa: Ultimato, 2004.

<sup>2</sup> Para uma definição dessas classificações, cf. Cristiane Nova, “O cinema e o conhecimento da história”, em *O olho da história* 3 (1996). Disponível em: <<http://www.oohodahistoria.ufba.br/o3cris.html>>. Acesso em: 17 de julho de 2012.

<sup>3</sup> Filmes e documentários sem apreciação e análise de conteúdo não foram vistos. O leitor deve fazê-lo discriminadamente.

<sup>4</sup> cf. *O manto do soldado*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, v. 1; *O batismo do rei*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, v. 2; e *A cruzada do monge*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, v. 3. Os volumes tratam de três grandes figuras históricas do cristianismo francês, Martinho de Tours, Clóvis I e Bernardo de Claraval.

em português: as edições de 1541 e 1559 por Cultura Cristã e a edição de 1559 pela UNESP. E vários de seus comentários estão saindo em português. Já foram publicados *Salmos* (em quatro volumes), *Daniel* (dois volumes), *Romanos*, *1Coríntios*, *2Coríntios*, *Gálatas*, *Efésios*, *Filipenses* e *Colossenses*, *1 e 2 Tessalonicenses*, *1Timóteo*, *2Timóteo*, *Tito e Filemom* e *Hebreus* (pela editora Fiel).<sup>5</sup>

Antes de passarmos para o conteúdo desta obra, considero proveitoso falar um pouco sobre a utilidade do estudo da história da igreja na construção da fé cristã. Podemos esboçar algumas possibilidades.

Em primeiro lugar, o estudo da história da igreja nos ajuda a compreender quão rica é a fé cristã, que se manifesta em diversas ênfases, em tempos, povos e locais diferentes. Em segundo lugar, é um guia para evitar os erros e equívocos do passado, na medida em que aprendermos que a “ortodoxia” está onde há submissão às Escrituras Sagradas e “acordo com os Pais e os Concílios”.<sup>6</sup> Em terceiro lugar, é um auxílio para a compreensão da atualidade, ajudando-nos a entender como chegamos até aqui. Em quarto lugar, o estudo dessa disciplina infunde entusiasmo para que a proclamação do evangelho seja renovada e reformada no tempo presente. Em quinto lugar, é um importante auxílio nos estudos da teologia bíblica, sistemática e pastoral, pois não se deve ler as Escrituras como se elas nunca tivessem sido lidas antes. Nesse sentido, precisamos ter em mente que “é na Igreja que a Bíblia é lida; é pela Igreja que a Bíblia é ouvida. Isso significa que ao ler a Bíblia nós deveríamos ouvir, também, o que a Igreja (...) tem até agora lido e ouvido da Bíblia. (...) Deve ser guardado na memória que, como membro da Igreja (...) não se deve falar sem antes ter ouvido”.<sup>7</sup> Pois, de acordo com o que o poeta medieval Pedro de Blois (c. 1135-c. 1203) afirmou, somos anões espirituais e, quando estudamos os escritos dos gigantes do passado, nos colocamos sobre seus ombros, vendo mais longe. Em sexto lugar, o estudo da história da igreja nos ajuda a analisar nossas tradições, pois, como Jaroslav Pelikan (1923-2006) escreveu, “a tradição é a fé viva dos que morreram; o tradicionalismo é a fé morta dos que estão vivos”. Logo, tudo em que se crê — e o modo como se vive na igreja e na sociedade — deve ser testado não apenas pelo tempo, mas especialmente pelas Sagradas Escrituras, a Palavra de Deus, que tem primazia sobre os cristãos.

Por fim, ao estudarmos a história da cristandade, vivenciamos a unidade do corpo de Cristo através dos séculos. Somos desafiados a entender, ensinar e lutar por aquilo que é o âmago da fé cristã, a mensagem bíblica sobre ruína, redenção e regeneração. Meditar nessas doutrinas nos leva a entender que o senso de unidade e diversidade no corpo de Cristo deveria estender-se a outras igrejas que confessam e praticam a verdadeira fé evangélica, não como participantes de uma competição religiosa, mas como congregações companheiras na igreja universal do nosso Senhor — por isso, podemos afirmar que, “em coisas essenciais, unidade; nas não essenciais, liberdade; em todas as coisas, caridade”.<sup>8</sup> É nesse mesmo espírito que este livro foi escrito.

*Nobiscum Deus*  
Franklin Ferreira

<sup>5</sup> Para fontes primárias de importantes escritores cristãos, como Policarpo, Agostinho, Lutero, Calvino e Wesley, publicadas em português, o leitor pode consultar Franklin Ferreira, *Gigantes da fé*. São Paulo: Vida, 2006. As fontes primárias publicadas em português serão mencionadas no texto com o título em itálico.

<sup>6</sup> Karl Barth, *Credo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2005, p. 232.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 231-232.

<sup>8</sup> Essa frase é atribuída alternadamente a Peter Meiderlin, Gregor Franke e Richard Baxter — respectivamente, luterano, calvinista e anglicano, cf. Ruth Rouse & Stephen C. Neill (eds.), *A History of the Ecumenical Movement, 1517-1948*. Londres: SPCK, 1954, p. 82, 146, *apud* Páraic Réamon, “A Reformed Vision of Unity”, em *Reformed World* 47/2 (1997), p. 91.



PARTE 1



A FÉ CRISTÃ NA  
ANTIGUIDADE  
CLÁSSICA





# 1

## A EXPANSÃO DO IMPÉRIO ROMANO

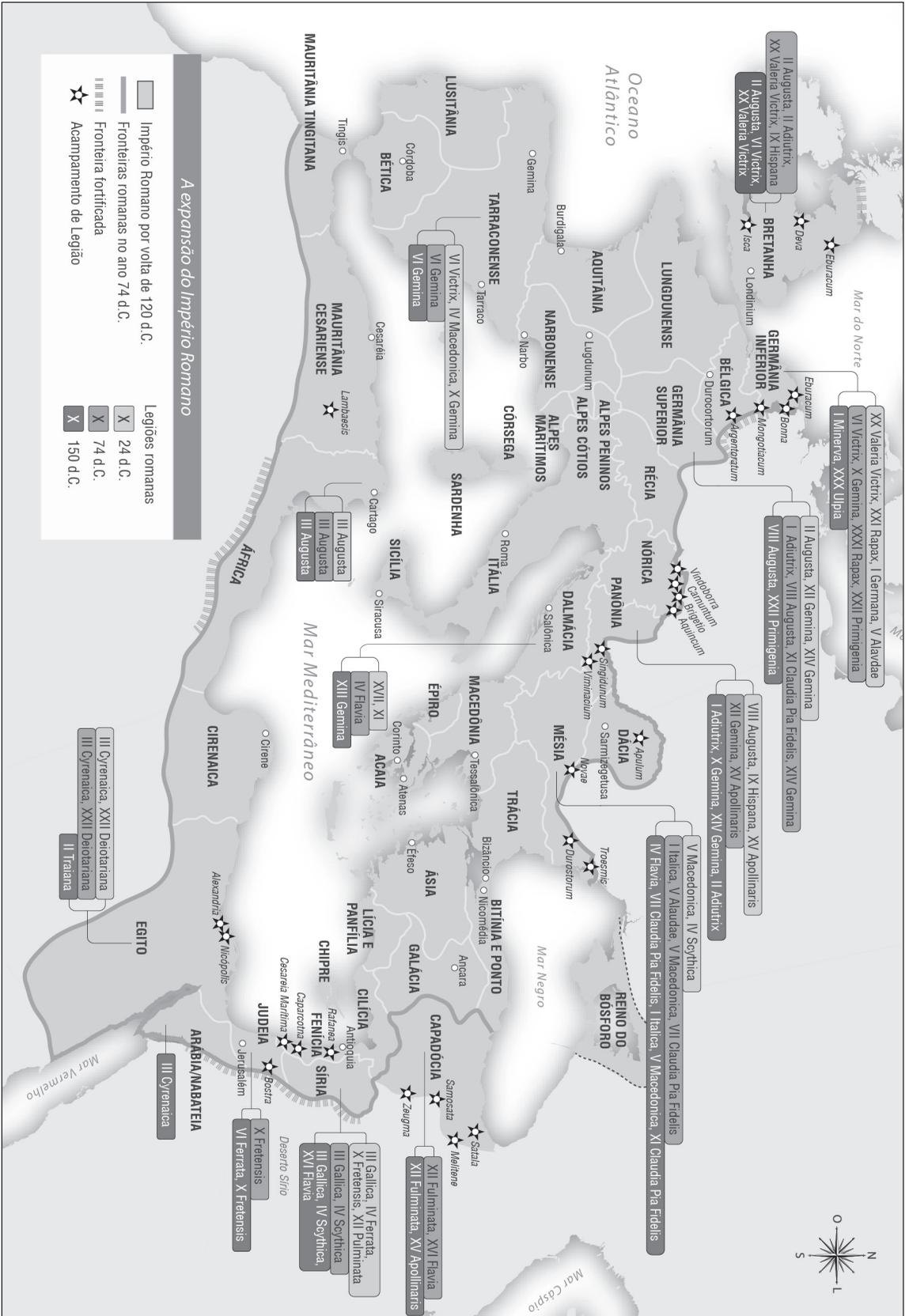


Ao tempo em que são narrados os fatos descritos no Novo Testamento, Roma se solidificava como o maior império que já existiu, composto de cultura grega e poder romano. Os romanos já haviam conquistado grande parte do Oriente e todo o Ocidente durante os dois últimos séculos antes da era cristã. E, tendo vencido uma longa e sangrenta guerra civil, que ocorreu por causa do assassinato do ditador Júlio César (100 a.C.-44 a.C.), Otávio Augusto (63 a.C.-14 d.C.), o primeiro imperador romano, reorganizou o estado, sedimentou as fronteiras, espalhou estradas — que cobriam quase 85 mil quilômetros — e construções por toda a extensão do império, de quase cinco milhões de quilômetros quadrados (divididos hoje entre trinta nações). Com isso, assegurou um período inédito de estabilidade em toda a região ao redor do mar Mediterrâneo.

Na metade ocidental, o idioma utilizado era o latim, e na região do Mediterrâneo oriental e no Oriente Próximo era o grego. E como Paul Veyne enfatiza, “a cultura material e moral de Roma foi fruto de um processo de assimilação da civilização helênica”. As regiões mais prósperas eram a Tunísia, a Síria e a Turquia. Nessa época, o mundo romano era dividido em trinta e seis províncias. Onze eram senatoriais, administradas por um procônsul, e vinte e cinco eram imperiais, onde ficavam estacionadas as legiões, governadas por um legado pretor (*legatus Augusti pro praetore*). Entre estas últimas províncias, dez (como a Judeia e o Egito) eram dirigidas por um procurador (*procurator* ou *praefectus*). Nessa estrutura, a cidade era a menor unidade administrativa e a área rural ao seu redor fazia parte dela. Nessa conjuntura, um elemento importante era o exército romano, que então foi reorganizado. Era composto de vinte e oito legiões e mais um grande número de formações auxiliares (*auxilia*) de infantaria leve, arqueiros e cavalaria, todos agregados de tropas da Gália, Germânia, Ilíria, Galácia, Síria e Egito. Em meados do século II, o exército tinha aproximadamente 300 mil homens, defendendo um império de cerca de 60 milhões de pessoas.

A legião (*legio*) romana era uma unidade composta de cerca de cinco mil soldados de infantaria e cerca de duzentos de cavalaria. Cada legião, comandada por um legado, era dividida em dez coortes (*cohors*), comandadas por um centurião, com cerca de 480 soldados cada, e cada coorte era dividida em seis centúrias (*centuriae*), com cerca de 80 legionários cada, também comandadas por um centurião. A cavalaria era agrupada em uma ala com cerca de cem legionários, que servia para missões de reconhecimento, correio e escolta. Algumas vezes um destacamento (*vexillatio*) de uma legião era constituído como uma força-tarefa temporária para resolver uma crise nas fronteiras do império. Também nessa época foi criada a guarda pretoriana (*praetoriani*), com cerca de sete a quatorze coortes com mil legionários cada, baseada na Itália, para proteger os imperadores e escoltá-los em campanhas militares.

Após sua morte, Otávio Augusto foi sucedido por Tibério (42 a.C.-37 d.C.), Caio (12-41), Cláudio (10 a.C.-54 d.C.) e Nero (37-68). Com o suicídio deste último, seguiu-se novo período de guerra civil, conhecido como o ano dos quatro imperadores (69). Ao final desse ano, o comandante das forças militares romanas em



Fonte das informações contidas neste mapa: Chris Scarre, *The Penguin Historical Atlas of Ancient Rome*, p. 63.

combate na primeira guerra judaico-romana, Vespasiano (9-79), foi aclamado imperador. A ele seguiram seus filhos Tito (39-81) e Domiciano (51-96), cujo assassinato inaugurou o período dos cinco bons imperadores: Nerva (30-98), Trajano (53-117), Adriano (76-138), Antonino Pio (86-161) e Marco Aurélio (121-180). Nessa época, o Império Romano atingiu sua expansão máxima, estabelecendo-se, assim, a paz romana (*pax romana*). Todavia, ao fim desse período, Cômodo (161-192) se tornou imperador, iniciando um longo período de instabilidades políticas.

No ano 66, começou uma revolta na província da Judeia. Vespasiano, um experiente comandante militar que havia participado da invasão das ilhas britânicas em 43, foi enviado para esmagar a rebelião. Ele reconquistou a região da Galileia, mas sua ação foi interrompida pela guerra civil, em 69. Seu filho, Tito, substituiu-o, reconquistando grande parte da Judeia. Finalmente, em 70, após longo sítio, Jerusalém foi tomada pelo exército romano, seu templo, destruído, e a revolta, sufocada. Um pequeno grupo de judeus resistiu na fortaleza de Massada até 73, quando a guarnição cometeu suicídio para evitar a captura.

### IMPERADORES ROMANOS

Augusto ..... 27 a.C.-14 d.C.	Oto ..... 69	Trajano ..... 98-117
Tibério ..... 14-37	Vitêlio ..... 69	Adriano ..... 117-138
Caio ..... 37-41	Vespasiano ..... 69-79	Antonino Pio ..... 138-161
Cláudio ..... 41-54	Tito ..... 81-96	Marco Aurélio ..... 161-180
Nero ..... 54-68	Domiciano ..... 81-96	Lúcio Vero (coimperador) ..... 161-169
Galba ..... 68-69	Nerva ..... 96-98	Cômodo ..... 180-192



### LEITURA COMPLEMENTAR

- Adrian Goldsworthy, *Generais romanos* (Lisboa: A Esfera dos Livros, 2009, p. 299-423).
- Alderi Souza de Matos, *Fundamentos da teologia histórica* (São Paulo: Mundo Cristão, 2008, p. 23-25).
- Bo Reicke, *História do tempo do Novo Testamento: o mundo bíblico de 500 a.C. até 100 d.C.* (Santo André/São Paulo: Academia Cristã/Paulus, 2012, p. 123-320).
- Claude Tassin, *O judaísmo: do exílio ao tempo de Jesus* (São Paulo: Paulinas, 1988).
- Craig L. Blomberg, *Jesus e os evangelhos* (São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 17-76).
- David Shotter, *Nero* (Lisboa: Edições 70, 2008).
- Edward Gibbon, *Declínio e queda do Império Romano* (São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 32-108).
- Flávio Josefo, *Guerra dos judeus* (Curitiba: Juruá, 2010, 7 v.).
- Henry Bettenson (ed.), *Documentos da igreja cristã* (São Paulo: ASTE, 1998, p. 26-31).
- J. N. D. Kelly, *Patrística: origem e desenvolvimento das doutrinas centrais da fé cristã* (São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 3-20).
- Jean Comby e Jean-Pierre Lemonon, *Vida e religiões no Império Romano: no tempo das primeiras comunidades cristãs* (São Paulo: Paulinas, 1988); *Roma em face a Jerusalém: visão de autores gregos e latinos* (São Paulo: Paulinas, 1987).
- Justo L. González, *História ilustrada do cristianismo* (São Paulo: Vida Nova, 2011, v. 1, p. 18-27); *Uma história do pensamento cristão* (São Paulo: Cultura Cristã, 2004, v. 1, p. 29-59).
- M. Simon e A. Benoit, *Judaísmo e cristianismo antigo: de Antíoco Epifânio a Constantino* (São Paulo: Pioneira/Edusp, 1987).
- Mark Noll, *Momentos decisivos na história do cristianismo* (São Paulo: Cultura Cristã, 2000, p. 25-50).
- Merrill C. Tenney, *O Novo Testamento: sua origem e análise* (São Paulo: Shedd, 2008, p. 15-138).
- Michael Grant, *História de Roma* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987, p. 191-294, 308-318).
- Paul Veyne, *O Império Greco-Romano* (Rio de Janeiro: Campus, 2008); *Sexo: poder em Roma* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008); "O Império Romano", cap. de *História da vida privada*, de Paul Veyne (org.) (São Paulo: Companhia das Letras, 2009, v. 1, p. 11-211).
- Pierre Grimal, *O Império Romano* (Lisboa: Edições 70, 1993); *A civilização romana* (Lisboa: Edições 70, 1984); *O século de Augusto*

- (Lisboa: Edições 70, 2008); *O amor em Roma* (Lisboa: Edições 70, 2005); *A vida em Roma na Antiguidade* (Mem Martins: Publicações Europa-América, 1995); *O século de Augusto* (Lisboa: Edições 70, s/d).
- Raoul McLaughlin, *Roma e o Oriente distante: rotas comerciais para as terras antigas da Arábia, Índia e China* (São Paulo: Rosari, Rosari, 2012).
  - Robert H. Gundry, *Panorama do Novo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 26-49, 74-109).
  - Roque Frangiotti, *História da teologia: período patrístico* (São Paulo: Paulinas, 1992, p. 102-108).
  - Suetônio, *A vida dos doze Césares* (São Paulo: Ediouro, 2002).
  - Tácito, *Anais* (Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc., 1970).
  - Tito Lívio, *História de Roma* (São Paulo: Paumape, 1989-1990, 6 v.).



## FILMES E DOCUMENTÁRIOS

- *Roma: o grande império* (1998). Documentário em quatro episódios, produzido por History Channel. Os episódios “A república de Roma” (45 minutos) e “A era dos imperadores” (45 minutos) examinam a derrubada da monarquia etrusca, o surgimento da república, a conquista de Cartago e o fim da república, a vida de Júlio César e a derrota de Marco Antônio para Otávio Augusto, o primeiro imperador, seguindo daí até o reinado de Nero. ★★★
- *Eu, Cláudio* (1976). Baseada nos romances *Eu, Cláudio* e *Cláudio, o deus*, de Robert Graves (1895-1985), essa biografia histórica em treze episódios, ambientada entre os anos 24 a.C. e 54 d.C., narra a história da dinastia júlio-claudiana, desde o fim do governo de Augusto até a morte de Cláudio. Tornou-se o drama de maior sucesso produzido pela BBC e um dos melhores filmes de TV da história (600 minutos). ★★★★★VNL
- *As tribos germânicas* (2009). Documentário em quatro episódios. Os dois primeiros se apoiam nas obras de Tácito (55-120) e Dião Cássio (c. 150-235). “Bárbaros contra Roma” (52 minutos) aborda os costumes dos suevos e queruscos e a conquista romana da Germânia, realizada pelos irmãos Druso (38 a.C.-9 a.C.) e Tibério, o que assentou a fronteira norte do império. “A batalha da floresta de Teutoburgo” (52 minutos) retrata a vitória de uma aliança de tribos germânicas que, sob o comando de Arminio (16 a.C.-21 d.C.), aniquilou as legiões XVII, XVIII e XIX, sob o comando de Públio Quintílio Varo (c. 46 a.C.-9 d.C.), no outono de 9 d.C. ★★★★★
- *Roma: a última fronteira* (2009). Documentário em três episódios. “Invasão” (50 minutos) e “Revolta” (50 minutos) retratam a conquista romana da Britânia em 43, quando o imperador Cláudio organizou uma invasão comandada por Aulo Pláucio à frente de quatro legiões, e o levante celta ocorrido em 60-61, liderado pela rainha icena Boudica (m. 60-61), contra as legiões comandadas pelo governador da província da Britânia, Caio Suetônio Paulino, numa das mais violentas revoltas enfrentadas pelo Império Romano. ★★★★★
- *Roma antiga: ascensão e queda de um império* (2006). Documentário em seis episódios, produzido pela BBC. O episódio “Nero” (60 minutos) retrata a vida pessoal do famoso imperador, as tentativas de tirá-lo do poder e o incêndio de Roma. O episódio “Rebelião” (60 minutos) retrata a Primeira Guerra Judaica, a partir da perspectiva de Flávio Josefo (c. 37-c. 100), Vespasiano e Tito. ★★★V
- *Masada* (1981). Reconstrução histórica baseada na obra *Masada, fortaleza heroica*, de Ernest K. Gann (1910-1991), e centrada em duas personagens, o legado Cornélio Flávio Silva, comandante da legião X *Fretensis*, e Eleazar ben Jair, líder dos guerrilheiros judeus entrincheirados na fortaleza de Massada. O filme, que se passa entre 72-73, retrata magistralmente os estágios finais da Primeira Guerra Judaica, tendo sido filmado no famoso sítio histórico (394 minutos). ★★★★★V
- *Coliseu: a arena da morte* (2003). Documentário produzido pela BBC, ambientado entre 78-80, trata da construção do Coliseu em Roma e da motivação, treinamento e combate de gladiadores, um dos principais entretenimentos da época imperial (50 minutos). ★★★★★
- *Centurião* (2010). Vagamente inspirada na obra *Anábase*, de Xenofonte (c. 430-355 a.C.), essa ficção histórica se passa em 117, retratando o desaparecimento da legião IX *Hispana*, na fronteira setentrional da Britânia, e ilustrando os conflitos de fronteira com os bárbaros que as tropas romanas enfrentaram continuamente a partir do século II (93 minutos). ★★V
- *A legião perdida* (2011). Adaptação do romance *A águia da nona*, de Rosemary Sutcliff (1920-1992). Essa ficção histórica passa-se na Britânia, em 140, e narra a história do centurião Marco Flávio Águila, que descobre que o estandarte da legião IX *Hispana*, da qual seu pai fazia parte, foi capturado por bárbaros pictos. Com a ajuda de seu escravo, ele partirá em uma busca para redimir a honra de sua família. ★★★V
- *Gladiador* (2000). Essa ficção histórica ocorre entre 180-192, nos momentos finais das Guerras Marcomanas na fronteira do Danúbio, e retrata a história do legado Máximo Décimo Merídio, comandante da legião IV *Flavia Felix*, que é traído quando o imperador Marco Aurélio é morto pelo próprio filho, Cômodo, que toma o trono. Reduzido à escravidão, Máximo se torna um gladiador, conseguindo com isso a oportunidade de vingar a morte de sua família e do antigo imperador. Ganador de cinco prêmios Oscar (2001), inclusive o de melhor filme (155 minutos). ★★★V